O VAGUEAR DO FALCÃO

O VAGUEAR DO FALCAO

Miguel R. Silva
1996/2019


REGISTRO DE OBRAS
SEU TALENTO PROTEGIDO
N.: 312239091
WWW.REGISTRODEOBRAS.COM
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Qual a ave que vagueia longe do seu ninho, tal é o homem que anda vagueando longe da sua morada.

Provérbios 27:8

Agradecimentos

A Deus, por ter sido a minha pessoa um dos poucos que escaparam da teia tão bem tecida para nos aprisionar...
Ao meu pai, que muito contribuiu com suas narrações infindáveis das histórias da Bahia...
À minha mãe, que conservou na memória as histórias de um mineiro errante e ambicioso...
Ao Dr. Vicente Marques Beato, pelo texto datilografado da história da fundação da cidade...
À minha prima Rogéria pelas valiosas contribuições sobre histórias do Berto Reis...
E aos nossos épicos e distantes heróis que, consciente ou inconscientemente, contribuíram para a formação da Princesinha do Rio Pardo.

Sumário

Prólogo..... 6

A Princesinha..... 9

Maria Baiana..... 12

Um Homem de Alma Nobre..... 27

Des... ilusão..... 33

Fanatismo..... 53

Albertolomeu..... 62

Em Busca de Um Lar..... 72

Herança de Um Mineiro Errante..... 78

O Baianinho..... 82

A Saga Continua..... 90

A Suma dos Fatos..... 102

Prólogo

Viradouro era o nome da fazenda do Capitão Machado da Silveira, denominada assim por sua esposa dona Hipólita Placidina da Silveira devido situar-se num fim de estrada onde os viajantes tinham que virar e voltar por não ter como continuar.

Este livro narra a história de uma família de retirantes que fugiu dos rigores da fome e da violência, e de um mineiro errante que abandonou a aspereza da casa paterna, vindo dar seguimento à sua prole em solo paulista e ajudar a construir a narrativa do histórico de uma cidade, através de sua própria história.

No caso dos baianos, a religiosidade excessiva que era transmitida de pai para filho nas tradições recebidas ao longo dos anos torna-se patente na forma rígida da criação dos filhos e na negação dos direitos de cada um escolher os seus próprios caminhos.

Os fatos aqui narrados são a pura expressão da verdade e foram acontecidos de forma a causar tremendo impacto não somente nas duas famílias, mas em muitas outras pessoas envolvidas. Narra o orgulho e o preconceito religioso e as dificuldades para a pregação do evangelho, assim também como a expansão do mesmo, por causa do impedimento religioso e das artimanhas usadas pelos religiosos para impedir que seus fiéis ouvissem e atendessem o chamado de Deus; mostra, de forma viva, a mistura de crenças com atos

de temor a Deus e de serviço ao inimigo de nossas almas causada pela ignorância da poderosa Palavra de Deus; mostra o perigo de não conhecê-la, e como as pessoas vivem naturalmente no laço do passarinheiro, o qual é quebrado quando o pecador reconhece a sua condição miserável e aceita Jesus Cristo como seu único Salvador.

A história de Raimundo e Clarice é uma mistura de ficção com a realidade. Trata-se de um caso que ouvi muitas vezes de meu pai e quis usá-lo para retratar a forma como a mulher era tratada nas gerações passadas. Não que concorde com a atitude de Clarice, mas fazê-la pagar pelo erro de forma tão cruel e desumana foge da essência do ser humano.

Também narra a saga de um mineiro que empreendeu fuga da casa paterna, vindo vaguear nessas paragens quase no início da fundação da cidade. Tendo lutado a vida toda para crescer e ter posses, acabou, como todos, sem nada. Fala da família Rodrigues da Silva, na figura de uma mulher intrépida e corajosa, Maria Baiana, que, juntamente com o seu esposo Joaquim, venceu léguas de distância à procura de um oásis para fazer aquietar a sua prole e conservar em vida os seus mais queridos entes, deixando sua semente multiplicada na população da querida Princesinha do Rio Pardo.

Alguns dos fatos narrados são reais e de extrema importância para o desenrolar dos acontecimentos que mudarão para sempre a vida e o destino eterno de uma geração rebelde e contumaz, contudo, sedenta da vida eterna e disposta a pagar o preço necessário para ad-

quiri-la. Outros são fictícios, cabendo ao leitor, identificá-los e engraçar-se com a singela expressão da incessante saga do amor impossível e do orgulho machista dos nossos primeiros ascendentes que tratavam o erro feminino de forma radical a ponto de "lavar no sangue a honra ofendida".

Meu desejo sincero é que ao ler estes relatos que aqui deixo registrados, você, leitor, possa chegar à conclusão de que o único caminho a seguir é o da fé no Senhor e Salvador Jesus Cristo, e que tudo o mais é ilusão e engano, como disse Salomão: *Vaidade de vaidades, diz o pregador, tudo é vaidade.*

Eclesiastes 12:8

Capítulo I
A Princesinha

E as ruas da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão.

Zacarias 8:5

Viradouro é uma cidade paulista com uma população estimada em 18.775 pessoas (em 2018). Como surgiu essa cidade? E por que esse nome tão caraterístico? É o que veremos a seguir!

No ano da graça de nosso Senhor Jesus Cristo de 1890, um pequeno vilarejo floresceu em torno de algumas fazendas próximas ao Rio Pardo.

A terra, nessa região, era muito boa para a agricultura e alguns desses fazendeiros intentaram explorá-la a fim de expandir o seu patrimônio, apesar das muitas feras existentes na região. Trouxeram para cá algumas famílias e começaram o trabalho de formar suas culturas, as quais se deram muito bem.

Logo, a mão de obra ficou insuficiente e vieram mais pessoas. Aos poucos, formaram um aglomeradozinho entre as fazendas recém-formadas, dando origem a um povoado.

Alguns anos se passaram. Algumas pessoas acharam que havia a necessidade de se fundar ali uma vila para que houvesse fornecimento de mantimento, remédio, roupas, enfim, toda a sorte de produtos de

primeira necessidade para as pessoas que ali residiam. Além disso, num vilarejo que parecia florescer todo dia, logo seria necessário um armazém, uma farmácia e até mesmo uma cadeia pública.

Havia nessa época alguns comerciantes que vendiam diversos tipos de produtos, secos e molhados. Eram conhecidos como armazéns. Ali se vendia mantimentos, tais como: arroz, feijão, açúcar, sal, sabão, tecidos, calçados, ferramentas para o trabalho... Também podia se comprar a pinga, a cerveja, os doces... Esses comerciantes colocavam as suas mercadorias numa carroça e saíam pelo sertão vendendo, comprando e barganhando. Muitos deles eram árabes, turcos e libaneses, e ficaram conhecidos como mascates. Eles visitavam as fazendas passando de casa em casa. Ali ofereciam os seus produtos e quando não conseguiam dinheiro, levavam galinhas, ovos, milho, arroz... Enfim, toda sorte de produtos que os colonos tinham em casa, inclusive café e queijo. Mas a ideia de se criar uma vila ficou apenas no sonho daquele povoado até que no ano de 1897 queimou-se o estopim. Era chegada a hora de se trabalhar por um ideal.

"Naqueles dias, o capitão Jerônimo Custódio da Silveira reuniu os seus vizinhos, a saber: João de Macena Machado, Francisco Machado de Oliveira, Gabriel Custódio da Silveira, Antonio Sanches Diniz Junqueira, Eduardo Custódio da Silveira, Pedro Custódio da Silveira, capitão Vicente Marçal Lima, Major Manoel Joaquim de Souza Júnior, Manoel Machado, vulgo Neca Machado, José Custódio Braga, José Valter Porto e José Eduardo da Silveira, e trataram de um